



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Faculdade de Letras**

A EVOLUÇÃO DO LATIM PARA O ITALIANO:

Embates entre a fala e a escrita

Matheus Lopes

Rio de Janeiro

2023

Matheus Lopes  
DRE: 118.176-612

A EVOLUÇÃO DO LATIM PARA O ITALIANO:  
Embates entre a fala e a escrita

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras- Português e Italiano.

Orientador: Professor Doutor Carlos da Silva Sobral

Rio de Janeiro  
2023

---

## CIP - Catalogação na Publicação

Lopes, Matheus  
L854e            A Evolução do Latim para o Italiano: Embates  
                  entre a fala e a escrita / Matheus Lopes.- Rio  
de Janeiro, 2023.  
                  37 f.

Orientador: Carlos da Silva Sobral.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Italiano, 2023.

1. latim. 2. língua italiana. 3. evolução  
linguística. 4. língua falada. 5. língua escrita. I.  
Sobral, Carlos da Silva, orient. II. Título.

---

**Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu  
Amorim Neto - CRB-7/6283.**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família por ter me apoiado em mais uma graduação universitária e na realização de mais um Trabalho de Conclusão de Curso. Não foram poucas as vezes que precisei da direção e da firmeza da minha mãe Elane, também graduada em Letras pela UFRJ e fonte de inspiração para minha decisão de me tornar professor. Conte também com a compreensão e incentivo do meu irmão Kim e do meu pai José Roberto, que sempre estiveram disponíveis para me levar à faculdade quando mais precisei.

Agradeço muito também a todo o corpo docente da UFRJ por terem provado para mim que a língua e a cultura italiana eram realmente tão apaixonantes como eu acreditava, que foi um dos impulsos que me fizeram chegar até aqui.

Não posso deixar de mencionar também o meu orientador, o professor Carlos Sobral, que ministrou algumas disciplinas centrais ao longo do curso, me guiou neste processo de criação deste trabalho e conclusão do curso. Com a sua ajuda e a dos demais docentes, creio que posso me tornar um ótimo profissional.

LOPES, Matheus. **A evolução do Latim para o Italiano: embates entre a fala e a escrita.** Orientador: Dr. Carlos da Silva Sobral. Rio de Janeiro: UFRJ/FL. Monografia para obtenção do título de licenciado em Letras Português - Italiano.

## RESUMO

Este trabalho é resultado de questionamentos e considerações sobre a formação da língua italiana. Tendo como ponto de partida o estudo da origem das línguas românicas como fruto de uma mesma ocorrência de progressivas misturas, entre o latim e as línguas dos povos bárbaros dominados por Roma, o trabalho examinou o percurso histórico da evolução de uma língua para outra, à luz da relação entre a fala e a escrita. Os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram os estudos gerais sobre linguagem permitem comprovar que os idiomas evoluem constantemente e não são, portanto, estáticos. Com essas informações, o trabalho foi desenvolvido analisando a história das duas línguas em paralelo com a história da Roma Antiga até a Itália da Era Moderna. Os resultados, norteados pelos citados argumentos, apontam para uma prevalência da fala sobre a escrita em todos os períodos da evolução do latim para o italiano, no que diz respeito ao poder de influência no desenvolvimento da língua, apesar de ser comumente considerada uma variante de menor prestígio.

**Palavras-chave:** língua italiana; latim; fala; escrita.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	9
3.	ANTECEDENTES DO LATIM CLÁSSICO E DO VULGAR.....	11
4.	O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR.....	14
4.1.	O Latim Clássico.....	14
4.2.	O Latim Vulgar.....	16
5.	DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	19
5.1.	O Latim depois do Império Romano.....	19
5.2.	As línguas neolatinas: gênese e desenvolvimento.....	21
6.	A LÍNGUA ITALIANA: ORIGENS E A “QUESTÃO DA LÍNGUA”.....	24
6.1.	Dante Alighieri e o <i>Dolce stil nuovo</i> .....	26
6.2.	A questão da língua.....	28
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
8.	BIBLIOGRAFIA.....	33

## 1. INTRODUÇÃO

É amplamente difundido que línguas como o Português, Espanhol, Italiano, Romeno e o Francês derivam do Latim. É um dado que muitos estudantes aprendem nas disciplinas de Língua Portuguesa durante os ensinamentos Fundamental e Médio. No Ensino Superior, porém, os cursos de Letras desdobram essa afirmação, que parte do pressuposto da existência de apenas um latim, quando estudos mostram pelo menos duas línguas latinas: a Clássica e a Vulgar. Porém, para além do Clássico e do Vulgar, o Latim compreende uma história ainda mais vasta e é dividido em mais etapas, com sua evolução acompanhando as transformações da civilização Romana.

Nos cursos das línguas românicas- também chamadas de neolatinas- as várias disciplinas e suas respectivas bibliografias mostram que os idiomas que hoje conhecemos derivaram mais especificamente do registro vulgar do Latim, apesar de isto não negar o papel que o Latim Clássico também desempenhou. O trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português e Italiano, a ser aqui desenvolvido, tem como ponto de partida estas considerações sobre a língua latina apresentadas anteriormente para então estabelecer sua hipótese e seus objetivos.

Foi escolhida a língua italiana para ser abordada num estudo junto ao latim, tendo a finalidade de mostrar que ambos os idiomas se desenvolveram mais a partir das necessidades da fala do que da escrita. Entre os registros escrito e oral das línguas, prevaleceu este último no que diz respeito à sua expansão e transformação. Indo mais além, será argumentado que o surgimento da língua italiana se manifesta num processo que já ocorria no Latim, mesmo antes da queda do Império Romano.

O objetivo do trabalho, então, é mostrar a evolução do Latim para o Italiano com o foco na relação entre a fala e a escrita, com destaque para a variante de menos prestígio, historicamente falando, que teve maior influência na transformação das línguas..

O trabalho será organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo informará os suportes teóricos e metodológicos que norteiam este trabalho; o segundo abordará as origens do Latim e seu uso nos primeiros períodos da história de Roma; o terceiro versará sobre o surgimento do Latim Clássico e sua relação com o Latim Vulgar; o quarto tratará da língua latina após a

queda do Império Romano e o surgimento das línguas neolatinas; por fim, o quinto focalizará a história e o desenvolvimento da língua italiana.



## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para fundamentar este trabalho e demonstrar como a evolução do vulgar latino para o Italiano se deu com predominância crucial da fala sobre a escrita, serão utilizados múltiplos aportes teóricos e metodológicos. Partimos das concepções de Giambattista Vico (1668-1744) sobre a linguagem. O autor italiano a considerava como um produto da história em sua obra *Ciência Nova*. Os escritos de Moura e Marques (2011, p.2) desenvolvem a concepção de Vico afirmando que:

[...] a linguagem surge e evolui de acordo com as necessidades dos povos, em função disso ele associa a cada época histórica, um tipo diferente de linguagem: à idade dos deuses, uma linguagem gestual; à idade dos heróis, uma linguagem metafórica e à idade dos homens, uma linguagem articulada. Essas três fases se organizam em torno das duas facetas do espírito humano: a imaginação e a razão.

Não constitui o foco do trabalho uma análise maior dessas três idades delineadas por Vico em *Ciência Nova*, apesar de se poder tecer comentários a respeito do Latim e do Italiano e em qual época estariam localizados. O pensamento viquiano servirá como uma base inicial para entender esse fenômeno de continuidade entre Roma e a posterior Itália e entre o idioma latino e o italiano. Menciona-se o autor italiano aqui para entender como duas línguas enfrentaram questões similares no âmbito do tratamento dado à fala em relação à escrita. De tal maneira, busca-se entender esse elemento comum às línguas de reflexão das necessidades dos falantes de seus povos. É um conhecimento requerido para se compor a argumentação a ser apresentada.

Outro importante conhecimento a servir de base para este trabalho é a noção de linguística histórica, conforme abordada por Faraco em sua obra de mesmo nome. Em seus escritos, o autor argumenta elaboradamente que línguas estão em constante mudança, mesmo que continuem mantendo uma familiaridade através do que “[...] costuma ser chamado de *plenitude estrutural e potencial semiótico* das línguas” (2007, p. 14). Assim, nesse contexto, o falante sempre encontrará formas de veicular significados e atender suas necessidades.

Verifica-se que esta ocorrência descrita se manifesta também no Latim e no Italiano ao longo dos seus processos de criação e desenvolvimento. Assim, uma reflexão possível de ser feita é que esta relação entre mudanças e constantes na língua é um espelho das transformações pelas quais as sociedades passam e o que elas mantêm em comum. Esse foi o caso de Roma na Antiguidade e dos territórios que eventualmente passaram a formar a Itália.

Faraco demonstra que os falantes geralmente não percebem as mudanças que ocorrem na língua, que possuem uma visão de que essa seria marcada mais pela permanência do que pela transformação, talvez pelo fato de esta se dar muito lentamente e ser percebida melhor através do cotidiano. A essa percepção, o autor relaciona a presença da escrita da seguinte forma:

Por outro lado, as culturas que operam com a escrita — que é, por suas propriedades, história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada — desenvolvem um padrão de língua que, codificado em gramáticas, cultivado pelos letrados e ensinado pelas escolas, adquire um estatuto de estabilidade e permanência maior do que as outras variedades da língua, funcionando, conseqüentemente, não só como refreador temporário de mudanças, mas principalmente como ponto de referência para a imagem que os falantes constroem da língua. (Faraco, 2007, p. 15)

Faraco descreve com precisão os aspectos centrais do Latim que são analisados. A diferença entre uma escrita que leva à permanência e uma fala que ocasiona, cada vez mais, mudanças compõe a questão do Latim Clássico e do Latim Vulgar. E para além da língua latina na época do Império Romano, as transformações do idioma durante a Idade Média também estiveram submetidas a esse mesmo fenômeno identificado pelo autor. É desta forma que a obra *Linguística Histórica* passa a constituir um importante suporte teórico e metodológico para o desenvolvimento deste trabalho.

Como afirmou Bechara, o surgimento da Língua Portuguesa seria uma “continuação ininterrupta” (2009, p.1 apud. MELO, 2020, p. 2) da língua latina que Roma levou aos povos dominados durante sua expansão pela Península Ibérica, no século III a.C. Consideração similar pode ser feita ao italiano e suas origens nos vários registros vulgares da região da Península Itálica, pois que continuou esse aspecto do idioma latino de se transformar graças aos usos falados e mais populares da língua, além da mistura com os falares de outros povos.

### 3. ANTECEDENTES DO LATIM CLÁSSICO E DO VULGAR

Uma abordagem do Latim, tanto em seu registro clássico quanto no vulgar, é melhor realizada quando se leva em conta também aspectos históricos. Tendo em vista a concepção de que a língua não existe fora da sociedade, vemos que se confirma no caso do idioma latino. Portanto, este capítulo propõe discorrer sobre a história de Roma, de forma a destacar o surgimento e desenvolvimento da língua latina. Uma vez que o Latim Clássico e o Latim Vulgar são associados às classes sociais presentes no Império Romano, será demonstrado como esses estamentos da sociedade surgiram, o que requer uma apresentação da história de Roma. Fatores a serem levantados neste capítulo incluem não só a formação do território romano, mas também sua expansão e desenvolvimento, porém não com foco exclusivo no aspecto histórico

Parte do tronco linguístico dos idiomas indo-europeus, a eventual relação do Latim com o Italiano tinha raízes no fato de pertencer mais especificamente ao conjunto de línguas itálicas, junto a outras como o umbro e o osco. Apesar de ser a língua de Roma e portanto associada a essa civilização, alguns de seus fundadores pertenciam à tribo dos latinos, que ocupavam a Península Itálica junto aos etruscos (que também tiveram influência no desenvolvimento do Latim). Tanto o nome da tribo quanto da língua são provenientes da região onde todos esses povos citados habitavam: o Lácio (*Latium*), região que se expandiu por meio de Roma até atingir sua configuração política e geográfica mais conhecida durante a Antiguidade. Existia junto ao que era chamado *Latium vetus* ou *Latium antiquum*. Esta divisão reflete o Latim que foi se consolidando durante a história romana e superou as línguas que o antecederam.

A língua latina pode ser dividida em múltiplas fases devido às suas várias transformações ao longo da história de Roma. O Latim Clássico e Latim Vulgar, já mencionados anteriormente, foram anteceditos por outras formas à medida que a civilização romana se transformava com o passar do tempo e das eras. A forma da língua mais antiga de que se tem registro é conhecida como Latim arcaico ou antigo ou primitivo (*prīscā Latīnitās*), o que Martins (2005, p.3) denominou como “uma língua de camponeses, com forte influência do indo-europeu.” Os estudos sobre esse decurso histórico da língua latina mostram que foi falada até 75 a.C e ainda carregava forte influência da língua dos etruscos, que até então

mantinham o maior poder político dentre as civilizações do Lácio nesses primórdios da criação de Roma.

Usando como ponto de partida um exame detalhado da fíbula prenestina, considerado o documento mais antigo existente escrito em Latim, Martins demonstra como era aquela variação, falada na região de Preneste (a atual Palestrina, da província de Roma). A partir da inscrição na fíbula, “MANIOS MED FHEFHAKED NVMASIOI” e sua tradução para o português, delineou as várias características da estrutura deste falar. Comparado às etapas posteriores do Latim, contava, por exemplo, com verbos em posições mediais, o que era herança das influências indo-europeias na língua. Na fonética o mesmo se verificava, conforme apontado pela autora: “O umbro apresenta apócope do *-m* final e o osco-umbro apresenta a partícula de reforço dos demonstrativos *-ce*, idêntica ao latim.” (p. 5)

Como decorrência dessas considerações sobre o Latim arcaico, a autora escreve sobre “falares latinos”, deixando claro que este era um dos que existiam ao longo do seu período histórico, junto ao já citado prenestino e ao falisco. Nesta etapa da história da língua latina pode-se perceber que, ao herdar estruturas sobre as quais se desenvolveu enquanto convivia com os falares que o influenciaram, o italiano futuramente repetiria este mesmo processo - e também orientado pela fala. Em adição, essa realidade causava uma específica imprecisão: não se sabia onde começava o italiano e onde terminava um determinado vulgar medieval, assim como não sabia onde começava o Latim e terminava uma língua indo-européia. O que houve com o italiano seria, portanto, uma repetição do que levou ao que seria chamado o Latim arcaico.

Ainda segundo Martins, o Latim falado nessa época “(...) era relativamente uniforme, sendo foco irradiador dessa unidade o *sermo urbanus* de Roma” (p. 3). Era um período que antecedeu as expansões romanas, que firmaram o Latim como uma língua dominante e levaram à criação do Latim Clássico e do Latim Vulgar. É importante deixar claro que o motivo de essa manifestação primária da língua ser considerada arcaica é o uso de palavras com pronúncias e escritas não encontradas em publicações na época do Império Romano, onde a influência advinda do contato com os gregos já havia criado uma nova era na cultura romana, e conseqüentemente uma transformação no Latim que até então era o padrão.

O Latim arcaico começou a sofrer suas transformações mais significativas a partir do século III a.C, quando se registra os primórdios da literatura latina propriamente dita. Isso não significa que não existiam produções literárias na fase arcaica do Latim. Durante toda a

Monarquia e em parte da República, a civilização romana contava com escritos categorizados em tipos, apesar de não terem cunho literário. Exemplos incluem as lamentações fúnebres conhecidas como *nênia*s e os *cantos convivais*, que celebravam os ancestrais. A diferença é que esses não impactaram a língua da mesma forma que os escritos já considerados parte da literatura latina. Esses trabalhos deram origem ao que se convencionou chamar de Latim Clássico.

## 4. O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR

### 4.1. O Latim Clássico

Por volta do século III a.C Roma já havia conquistado hegemonia no território da Península Itálica e, após a decisiva vitória sobre Cartago nas Guerras Púnicas, passou a se expandir ao longo do Mediterrâneo e do território da Europa e da Ásia. Neste cenário de conquista de novos territórios e rotas comerciais Roma teve contato com a cultura grega, a qual deteve um prestígio único e despertou um interesse sem igual para os romanos. No seu objetivo de se igualarem culturalmente à Grécia, os romanos buscaram imitar sua arte em geral, como sua literatura e sua poesia, o que fizeram por meio da captura de prisioneiros gregos para servirem como pedagogos em Roma.

Dentre tais prisioneiros estava Livio Andronico, poeta e dramaturgo. Através de suas traduções para o latim de obras como a Odisséia, estabeleceu oficialmente o contato de Roma com a cultura helênica e as primícias da literatura latina. A ele se sucederam autores já romanos como Cneu Névio e Quinto Ênio, cada um deixando registradas às suas maneiras o primórdio das poesias, comédias e tragédias em Latim. Para cada autor grego que estava conquistando renome cultural na exposição de suas obras para os romanos, estes buscavam construir um equivalente próprio, na sua própria língua, porém ainda se baseando nos modelos literários usados pelos helênicos. É a partir destes capítulos da história romana que surge o Latim Clássico.

Uma hipótese apresentada em Citroni (2006) mostra que a própria nomenclatura desta fase do Latim já manifestava o sentido que possuiria na época e para os estudos posteriores da língua. O autor recorreu ao filólogo Rudolf Pfeiffer, que hipotetizou que o chamado “clássico”- expresso em latim pela forma *classicus*- era uma tradução aproximada do vocábulo grego *ἐγκριθέντες*, que designava uma expressão técnica e relativa à crítica literária. Desta forma, o termo englobaria uma lista de autores considerados modelos e ideais (p. 204). Com isso o termo latino *classicus* eventualmente ganha um sentido de “canônico”, que refletia a realidade desse uso do Latim, que se pretendia o verdadeiro e mais prestigioso por divulgar a linguagem das grandes obras literárias em Roma.

É importante ressaltar que Citroni discorda da hipótese levantada por Pfeiffer, considerando-a insuficientemente fundamentada. Apesar disso, afirma que em Roma o conceito do *classicus* definiu a sua percepção sobre a literatura e que na “cultura literária latina” havia este recorrente desejo de fazer parte de um cânone de autores escolhidos para representar uma classe de excelência e prestígio, o que, segundo o autor, seria reflexo da valorização da cultura grega por Roma e sua tentativa constante de emulá-la da forma mais fiel possível (p. 212). A propósito, é possível afirmar que a questão das diferenças observadas entre a fala e a escrita também se fez presente na sociedade romana como reflexo dessa mentalidade descrita.

Apesar da busca recorrente de Roma pelo estabelecimento de um cânone literário, o trabalho de Citroni revela que no meio literário romano já estava surgindo um novo conjunto de autores e obras canônicas, substituindo o modelo grego que até então era tido como referência. É mostrado que, após a morte de Horácio e Virgílio, a produção literária em Roma já era considerada detentora de uma qualidade digna de um cânone próprio, que não descartava completamente o prestígio e a importância dos gregos, porém não mais os colocava como uma base ou uma orientação para o objetivo de produzir literatura. A partir de então, novos autores romanos passaram a se inspirar nos seus conterrâneos latinos contemporâneos, levando à consolidação do Latim Clássico do Império, que teve sua manifestação incluída no período considerado o auge da literatura romana.

As informações apresentadas são importantes para contextualizar melhor o estudo da gênese do Latim Clássico e comprovar a resultante de longas transformações culturais e sociais. Não é sem fundamento que esse Latim é associado à aristocracia romana da época do Império, e que o falar das classes sociais mais elevadas fosse o que mais se aproximava dos escritos literários considerados ideais. Também não é à toa que o Latim levado aos outros povos e territórios conquistados por Roma fosse o dos soldados e não o dos poetas e escritores, que tal registro tivesse estrutura mais rígida e menos passível de sofrer modificações. A fala e a escrita do Latim se desenvolvem sob influência de outros fatores sociopolíticos de Roma.

## 4.2. O Latim Vulgar

Transformações políticas e históricas que levaram à consolidação do Latim Clássico ocorreram simultaneamente à dinâmica de usos da língua falada que também sofria modificações. Esta variante do idioma latino ficou convencionalmente conhecida como Vulgar. Apesar de o termo ser geralmente associado ao falar das classes sociais mais baixas, uma definição única quanto ao que consistia o vulgar não existe, e vários autores buscaram delinear as características dessa variante do latim às suas maneiras. Assim, muitos consideram que o próprio termo expressa uma identidade linguística imprecisa, tanto no aspecto oral quanto no escrito.

De qualquer forma, a inexactidão que permeia o conceito do Latim Vulgar pode ser um pouco elucidada com o fato de que os romanos também teciam considerações a respeito do uso ideal ou apropriado da língua. O material que sobreviveu para análises linguísticas modernas obviamente se encontra incompleto, mas serve para mostrar que os usos considerados incorretos do Latim coincidem, frequentemente, com as formas usadas pelas massas, ao passo que o registro utilizado pela aristocracia e pelas classes mais altas, em geral, fossem exaltados como os corretos. Várias evidências nas produções escritas em Roma evidenciam que a questão social permeava os estudos linguísticos sobre o Latim já na Antiguidade.

Exemplos de evidência incluem documentos como o *Appendix Probi*, que consiste em 227 correções gramaticais de vocábulos. Não se sabe ao certo a data de publicação da obra, mas múltiplas fontes apontam para o século IV, um período em que a expansão romana continuava em curso e disseminando o Latim para um número cada vez maior de pessoas. Uma vez que era a variante falada da língua a forma disseminada pelos soldados nos territórios estrangeiros, a mistura de dialetos resultava em pronúncias e escritas diferentes daquelas já cristalizadas como as ideais no Latim Clássico. Assim, se fazia necessário a presença de um gramático para corrigir o que era considerado desvio ou erro e zelar pelo que era tratado como a forma correta da língua.

Como se vê, é de mais alta relevância o papel social e linguístico do gramático, pois a sua atividade representa pujante força de conservação. O seu ensino segue o modelo dos clássicos, dos mestres que imprimiram as obras consideradas perfeitas e



acabadas. Assim, o gramático se tornou o mais eficaz representante do espírito romano: zeloso e fiel mantenedor das normas da língua. (Potrique, 2019, p. 98)

Segundo Maraschin (2009), tratar o vulgar como uma mera língua falada ou apenas uma língua das massas seria uma classificação possível, mas difícil de demonstrar, uma vez que não se encontram registros desse falar. Toda manifestação do vulgar que se pode depreender está contida em obras e documentos, logo as únicas provas da variante falada estão na escrita (p. 29). Ainda que se adote uma linha de pensamento que trata o vulgar como uma língua falada, não se pode desconsiderar os documentos e produções literárias, já que essas também demonstravam duas ou mais formas do latim coexistindo, embora com diferentes níveis de prestígio. Não existiam obras inteiras escritas em língua vulgar. Porém, de acordo com Maraschin, “A falta de obras não significa ausência total de comprovações escritas” (p. 30).

Além do *Appendix Probi* mencionado anteriormente, Maraschin cita obras como o *Satyricon* de Petronio; os escritos de Santo Agostinho; as comédias de Plauto e as sátiras de Horácio como instâncias onde o uso de registros vulgares convivia com formas clássicas. Ao contrário do que veio a ocorrer com o *Appendix Probi*, o uso de vulgarismos nestas obras literárias não tinha o objetivo de censurar as formas populares para ressaltar as mais eruditas e consideradas apropriadas. O que ocorria era a presença de vulgarismos mais literários, com os quais os autores buscavam representar personagens e discursos das camadas mais baixas da sociedade. Essas manifestações específicas também podem ser chamadas de plebeísmos, uma vez que eram justamente uma forma de representar o uso do Latim pelas plebes.

O linguajar da sociedade romana, sobretudo na época do Império, também era agrupado segundo o conceito de *sermo*, que significa “fala”. Os principais eram o *sermo urbanus* e o *sermo plebeius*, designando respectivamente o registro oral da aristocracia e das massas. Contudo, vários setores plebeus tinham seus registros próprios, que também foram classificadas como *sermonem*, como o dos soldados (*sermo castrenses*), dos camponeses (*sermo rusticus*) e dos estrangeiros (*sermo peregrinus*), o que é outra amostra da diversidade linguística do Latim Vulgar e de como seu aspecto mais flexível e maleável foi vital para a constituição das línguas românicas como o Italiano. Sobre isso, Martins (2023- p. 99) afirma:

O que continuou vivo foi a *rustica romana lingua*, o latim pobre e humilde das populações campesinas. Mesmo quando se pensa na contribuição do latim clássico às línguas românicas, a partir do século X, destinado a transformar os pobres dialetos românicos em ricos e elegantes línguas, essa contribuição é pequena, porque não se trata de uma herança direta e contínua. Todos os aspectos gramaticais das línguas românicas mostram que elas são a continuação direta do latim popular (*sermo plebeius*).

Todas as abordagens confirmam que uma análise mais aprofundada para o estudo do surgimento do Latim Vulgar não pode desconsiderar a dinâmica das classes sociais. O Vulgar e o Clássico são produtos das interações da sociedade romana. A aristocracia da época do Império convivia com camadas de trabalhadores como comerciantes, artesãos, soldados e fazendeiros, todos inseridos nas recorrentes ordens que fizeram parte da história de Roma: os patrícios e os plebeus. Apesar de várias revoltas que trouxeram mais riqueza e poder para a plebe e os tiraram dos patrícios, as diferenças sociais continuaram existindo, com a nobreza da época do Império sendo constituída por muitos que antes eram plebeus. As massas plebéias representavam a maioria da população de Roma, e sua relação com os mais poderosos também transparecia na língua.

A língua latina também se converteu em uma ferramenta de poder ao longo da história de Roma. As variantes faladas pelos soldados se tornaram o veículo de comunicação das novas populações integradas ao território romano. Esse ato de expandir o idioma para os locais subjugados acabou por fazer parte do conjunto de medidas para assegurar a hegemonia de Roma que recebeu o nome de romanização, conforme o descrito por Bezerra (2007-pp. 35-36) no seguinte contexto:

“Para manter e consolidar sua dominação, o Império Romano desenvolveu um complexo aparelho estatal sempre presente em qualquer lugar de sua administração, no exército, nos poderes legislativo e judiciário. Esta organização servia para difundir, por todas as suas colônias, um modo de ser e de viver que lhe era peculiar, pois não se tratava apenas de uma colonização pura e simples, mas do conhecido processo de romanização, a que se submetiam os povos vencidos.”

É relevante mencionar que, apesar de Roma ter imposto suas medidas, domínio e subjugação, a disseminação do Latim aconteceu de forma relativamente mais livre e mais flexível. Sua expansão não tinha objetivos linguísticos e os povos conquistados não eram obrigados a falar a língua latina. Apesar de os governos romanos criarem instituições como escolas para ensinar o Latim, eram mantidos direitos como costumes religiosos e línguas. Assim, o Latim convivia com os falares locais num período de bilinguismo. Tal período, segundo Bezerra, poderia ser mais ou menos duradouro, dependendo em boa parte dos fatores localização e classe social. De acordo com o autor, “(...) os peninsulares vencidos serviam-se do latim, em suas relações com os romanos; pouco a pouco, os falares nativos se recolhiam à conversação familiar, até a completa latinização.” (p. 39)

## 5. DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS

### 5.1. O Latim depois do Império Romano

Em 476 houve a queda do Império Romano do Ocidente, motivada por múltiplos fatores, apesar de os principais terem sido as crescentes invasões bárbaras; a descentralização progressiva do Império e uma corrupção generalizada em Roma. A parte oriental do Império conseguiu se manter, eventualmente ficando reconhecida como Império Bizantino. Com a queda da parte ocidental, ficou convencionado que então teve início a Idade Média. Das várias transformações políticas e sociais que ocorreram nessa época da história, cabe destacar as várias mudanças registradas no âmbito linguístico. Progressivamente, sobretudo no período medieval, surgem as línguas românicas, variantes que passariam a qualificar as futuras línguas nacionais, como o português, o espanhol, o francês, italiano.

Embora o Latim tenha se mantido dominante nesse decurso graças aos monges e escolásticos da Igreja Católica, estava assinalada uma distância cada vez maior entre o Clássico e o Vulgar, devido aos crescentes efeitos das invasões bárbaras que causaram a derrocada de Roma, objetivamente marcada na destruição dos templos, dos centros urbanos e o fechamento das escolas. O Latim Clássico perdia importância à medida que eram eliminados os seus canais de propagação. Coube ao Cristianismo, durante sua ascensão no Império e sua consolidação como força dominante na Idade Média, dar continuidade à manutenção e difusão da língua ideal para a literatura, para os textos religiosos e para a documentação formal, ainda sob a égide dos ideais clássicos..

Portanto, aquela língua outrora culta e típica da aristocracia romana passou a ser acolhida e adotada pelos mosteiros, acarretando mudanças também na fala. Como já exposto reiteradamente, cada segmento das camadas populares tinham o seu próprio registro do Latim, todos categorizados como pertencentes ao Vulgar. O mesmo acontecia no caso dos cristãos, contando muito com adeptos incultos e provenientes das massas. O seu linguajar aportou mudanças no latim, com o *sermo urbanus* da aristocracia do Império, dando espaço ao *sermo ecclesiasticus* e ao *sermo profanus*, que perduraram nos documentos da Igreja sobre ciências ao longo da era medieval (Martins, 2006, p. 7).

Apesar de a literatura em vulgar surgir nos séculos seguintes à queda do Império e sua consequente sucessão pela Idade Média, os anos finais da parte Ocidental de Roma contaram

com notáveis registros de aspectos do Latim Vulgar presentes em obras literárias. Ainda que fossem escritas tentando seguir o modelo dos clássicos romanos, trabalhos como a *Vulgata* de São Jerônimo foram concebidos com a digital da instrução e erudição de seus autores.

De fato, estes literatos conheciam os aspectos normativos que os gramáticos e estudiosos consideravam corretos e incorretos do Latim. Ainda assim, especialmente no âmbito da igreja e pela sua crescente força política e institucional, havia a necessidade de comunicação direta com as massas, cuja língua era marcada por um afastamento do Latim literário de alto prestígio. Era preciso então usar um registro para adereçar um público que usava outro.

A obra *Vulgata* recebe especial menção neste trabalho por mostrar que já na época do Império Romano era possível vislumbrar o fenômeno que ocorreria durante a Idade Média: a progressiva expansão das formas vulgares ganhando cada vez mais expressão na literatura, em obras com registro e língua progressivamente distantes do modelo clássico. Foi possível antever que o Latim não possuiria sempre um uso universal.

No caso da *Vulgata*, a tradução da Bíblia foi feita para sacerdotes pregarem para o povo. Não era mais uma obra destinada somente à aristocracia culta e letrada, mas tinha o objetivo crucial de se comunicar com as massas. Assim, a composição da obra deveria ser diferente. A escrita teria que se aproximar da fala, como o que continuou acontecendo também nos séculos seguintes, quando da formação das novas línguas românicas.

Estudos linguísticos pontuam, então, que a forma do latim que emergia no período posterior à queda do Império Romano do Ocidente e resultante da influência e do poder da Igreja se chamava Latim Medieval. Essa concepção é geralmente colocada como sucessora do Latim Tardio, apesar da imprecisão em definir quando o Tardio terminou e quando o Medieval começou. Tardio se refere a uma forma do idioma latino que resulta das transformações ocorridas no Latim Clássico romano nos últimos anos do Império.

Todavia, vários autores deixam claro que não é uma forma do Vulgar, apesar de fazer uso de algumas de suas construções e vocabulário. Como pontuado em Júnior (2008), “Esse latim apresenta traços que o aproximam de uma língua viva, mas as modificações sofridas não se devem somente à oralidade. Uma grande parte da evolução advém muito mais da literatura, da língua escrita, do que de um uso oral.” (Motta, 1982, p. 26 apud Júnior, 2008, p. 78)

## 5.2. As línguas neolatinas: gênese e desenvolvimento

As transformações ocorridas na língua foram importantes para impulsionar o surgimento das línguas românicas- também chamadas de línguas neolatinas. Linguisticamente são consideradas como parte de um continuum dialetal, uma vez que a definição se refere a um conjunto de dialetos falados em uma área e que progressivamente passam a apresentar diferenças entre si. Outrora bastante similares, suas evoluções resultaram em um crescente distanciamento entre tais dialetos, a ponto de se configurarem como novas línguas.

No caso específico do Italiano, parte integrante do tema deste trabalho, muitas das línguas faladas na Itália atual descendem de idiomas reunidos em grupos como o galo-itálico e o ítalo-dalmático. Segundo Ilari (1999), a classificação deste conjunto de dialetos como línguas românicas se deve à unidade cultural e à dinâmica do aspecto linguístico vigente nos territórios conquistados na época do Império.

“*Romania* deriva de *romanus*, e este foi o termo a que naturalmente recorreram os povos latinizados, para distinguir-se das culturas bárbaras circunstantes: assim, os habitantes da Dácia, isolados entre povos eslavos, autodenominaram-se *romini* e os réticos se autodenominaram *Romauntsch*, para distinguir-se dos povos germânicos que os haviam empurrado contra a vertente norte dos Alpes suíços.

Sobre *romanus* formou-se o advérbio *romanice*, “à maneira romana”, “segundo o costume romano”, e a expressão *romanice loqui* se fixou para indicar as falas vulgares de origem latina, em oposição a *barbarice loqui*, que indicava as línguas não românicas dos bárbaros, e a *latine loqui* que se aplicava ao latim culto da escola. Do advérbio *romanice*, derivou o substantivo *romance*, que na origem se aplicava a qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares.” (Ilari, 1999, p. 50)

Ainda assim, o surgimento do Latim Tardio reflete similares transformações políticas e sociais que levaram à ascensão do Vulgar frente ao clássico e explicam o surgimento das línguas românicas.. Em todos os casos, a grafia do idioma latino não dava conta de representar o real aspecto da língua e a comunicação oral se adequava às necessidades dos usuários.

Sobre os povos bárbaros que invadiram os territórios romanos, é interessante observar que não impuseram a sua própria língua e cultura, mas absorveram os traços da civilização romana e da religião cristã e assim potencializaram o processo de latinização da Península Ibérica. Conforme demonstrado por Botelho e Osório (2021- p. 18), o Latim Vulgar que já vigorava foi “matizado” pelos germânicos que invadiram as regiões latinizadas, dando assim curso a um processo de dialeção.

A consequência central desses acontecimentos está descrita na expressão “caos linguístico”, usada por Botelho e Osório; pois no período medieval era clara a convivência do Latim com outros dialetos que deram origem às línguas neolatinas e às literaturas em novos registros vulgares.

A situação caótica e a crescente separação entre vulgar e clássico ficou ainda mais evidente durante o período da Renascença Carolíngia, no reinado de Carlos Magno. Com uma tentativa de retorno ao nível cultural da época do Império, Ilari considera que ficou clara a distância entre o clássico romano e o latim medieval, uma vez que a escrita, após a queda do Império, havia se tornado repleta de influxos do vulgar. A decorrência desse fenômeno é que a escrita passou cada vez mais a refletir a fala, invertendo o que era o padrão até então. Todavia, as novas estruturas não gozavam do mesmo prestígio do modelo literário romano, considerado culto e ideal. Fato que ainda demoraria alguns séculos para ocorrer.

“(…) O uso consciente dos romances na escrita só ocorreu na última clapa de sua emancipação: costuma-se entender que as línguas românicas nascem quando substituem o latim como línguas escritas, na redação de textos práticos, literários ou de edificação religiosa; mas para começar a escrever conscientemente as línguas faladas de seu tempo os letrados românicos precisaram tomar consciência de que o latim, tal como era escrito, além de não ter mais qualquer contacto com a língua falada, também se havia distanciado irremediavelmente dos modelos clássicos. (Ilari, 1999, p. 65)”

## 6. A LÍNGUA ITALIANA: ORIGENS E A “QUESTÃO DA LÍNGUA”

Seguindo o mesmo contexto geral de formação das línguas românicas, anteriormente detalhado, a língua italiana deve ainda as suas origens aos outros idiomas indo-europeus além do latim (como o osco, o úmbrio e o etrusco), mas, em grande medida, também às ocupações dos ostrogodos e dos longobardos no território da Península Itálica após a queda do Império. Os primeiros, governados pelo rei Teodorico, conservaram muito da cultura romana ocidental que os precedeu. O monarca preservou escolas e escritos de autores clássicos, como Cassiodoro e Boécio, visando manter presente a cultura de Roma, ainda que a parte ocidental do Império tivesse caído e a maior extensão de seu território estivesse sob o controle de povos bárbaros.

Outro passo importante para o surgimento do italiano está no estabelecimento do Reino Lombardo, criado em 568, após o fim da Guerra Gótica. Estabeleceram-se em um território arrasado pelos conflitos entre os ostrogodos e o Império Bizantino marcado por pobreza e despovoamento. Assim, a influência desse povo ao longo dos séculos seguintes se tornou mais decisiva para a língua italiana, pois a língua dos longobardos começa também a se projetar nas inscrições por volta do século VII.

A contribuição dos longobardos para o desenvolvimento da literatura vulgar, aquela que viria a ser a língua italiana, se deu de uma forma mais indireta. Conforme mencionado, as inscrições passaram a apresentar novas formas linguísticas mais próprias do vulgar florentino, futuro italiano, e de obras literárias em Latim. Diante dessa realidade, não há evidências do aspecto morfológico e sintático da língua dos longobardos. Ela só existiu e perdurou através da fala. É um fenômeno a ser considerado, pois é possível que se disseminasse sem deixar uma marca literária.

Ao longo do período do reino lombardo, o autor Dag Norberg mostra em sua obra “Manual Prático de Latim Medieval” (2007), que houve o fechamento do que seriam as “últimas escolas leigas” (p. 38) de Latim, marcando um novo momento na história linguística daquela região, onde a língua usada encontrava cada vez mais expressão na fala e menos na escrita. Norberg detalha os aspectos daquela que se tornaria a língua italiana e que já estavam a substituir os equivalentes latinos, que marcavam as transformações linguísticas em curso e que estão associadas ao reino dos longobardos da seguinte forma:

Encontramos, por exemplo, nas inscrições de Roma do VII século, o futuro românico *essere abetis = eritis* (*cod estis, fui, et quod sum, essere abetis*), a preposição italiana *da* (< *de ab*) ou o pronome *idipsa* (cf. italiano *de*so), vulgarismos que permitem concluir que a língua falada estava a caminho de se transformar no italiano. (Norberg, 2007, pp. 38-39)

Com o fim do reino dos longobardos em 774, a região da Itália passou a ser dominada pelos francos de Carlos Magno. Como consequência das amplas reformas carolíngias que promoveu, os dialetos vulgares passaram a encontrar decisivamente expressão na literatura, eventualmente com tanto potencial de serem utilizados para a composição de poesia quanto o latim. No caso da Itália, um momento decisivo para a documentação dos vulgares ocorreu no século IX, quando foi escrito o *Indovinello veronese*, considerado o primeiro registro, de autoria de um monge não identificado de Verona e descoberto em 1924, por Luigi Schiaparelli.

Ao *Indovinello* se seguiram outros textos notáveis como o *Placito di Capua* e a “Inscrição da Catacumba de Comodila”. Suas diferenças do *Indovinello veronese* residem no fato que tendiam muito mais para o vernáculo e portanto apresentavam menor incidência do Latim culto. Também, por seus respectivos gêneros textuais, tinham um propósito distinto da adivinha. A inscrição buscava instruir fiéis a rezar de uma determinada forma correta, ao passo que o *Placito* era um texto legal que buscava registrar testemunhas das partes envolvidas em uma disputa de terras. Conforme aponta Silva (2022), “(...) o uso do vulgar era limitado à forma de juramento, para transcrever fielmente as palavras das testemunhas, permitindo a compreensão de todos.” (p. 8)

Constata-se que o vulgar ainda estava num estágio inicial de manifestação em textos poéticos. Seguindo os acontecimentos em vários territórios da Europa, durante a fase da Baixa Idade Média, a produção artística em vários países viu o surgimento da lírica trovadoresca. Muitas dessas obras eram escritas em dialetos cada vez mais próximos da línguas neolatinas modernas, como o provençal. Ribeiro e Cavalheiro afirmam que “torna-se possível, a partir do século XI, definir um momento de ruptura e mudança, sobretudo na França e que viria a repercutir na Itália, quando ocorre a passagem da literatura medieval latina para, de fato, uma literatura francesa ou italiana.”(2019 -p. 10).



### 6.1. Dante Alighieri e o *Dolce stil nuovo*

O Fenômeno da expansão das línguas derivadas podia ser testemunhado em toda a península itálica, com o vulgar florentino se destacando como forma mais popular e influente nas produções literárias a partir do século XI. É nesse período que a palavra “italiano” é registrada no léxico da Península (Janson, 1991 p. 20), evidenciando a crescente relevância do vulgar frente ao Latim.

Quanto à lírica trovadoresca, que estava em expansão na Europa, pôde encontrar representação na Itália através do movimento do *Dolce stil nuovo*. Dante Alighieri, Francesco Petrarca, e Giovanni Boccaccio são expoentes desse estilo e fundamentais para o surgimento da língua italiana moderna.

Dante, a propósito de reflexões em defesa do vulgar, sustentava que essa poderia ter o mesmo prestígio que o Latim e, por isso, também poderia ter similar adequação para a poesia e textos de maior erudição. Essa posição norteou o trabalho do autor florentino, defendida com um notável vigor em sua obra *De vulgari eloquentia* e com máxima expressão na sua obra-prima, a *Commedia*.

O nível de influência, erudição e domínio da arte poética do autor florentino justificou o seu posterior reconhecimento como o “pai” da língua italiana, e o dialeto de Florença passou a ser considerado o padrão no italiano, após a unificação do país. Pode-se argumentar que a sua obra-prima é uma continuação dos seus pensamentos e argumentações defendidas em seu tratado prévio.

Em *De vulgare eloquentia*, Dante discorreu sobre a origem das línguas de forma a perceber, já em sua época, que estão sempre em transformação, com a Gramática servindo de instrumento para a manutenção de uma identidade linguística nos lugares onde é usada. O padrão vernacular clássico resultaria numa língua artificial por ter que ser aprendida e ensinada, ao passo que o vulgar, uma língua natural desenvolvida pelos falantes sem seguir normas rígidas e específicas, seria mais facilmente disseminada. Junto a isso, o autor afirma que o vulgar teria uma origem divina, portanto marcando uma perspectiva diferente daquela dos gramáticos latinos que consideravam as formas faladas das massas como um desvio ou um erro.

A universalidade dos falantes é reconstituída através de uma convenção: como as línguas transformam-se de maneira a colocar em risco até a comunicabilidade dos pensamentos entre os homens, nasceu a necessidade de criar um instrumento de comunicação estável no tempo e no espaço, de pôr fim à variedade e à variabilidade linguística, por meio de uma língua literária, regular e fixa: a *gramatica*, ou seja, aquele conjunto abstrato de regras pelas quais toda língua literária é reduzida à doutrina sistemática. (VIVAI, 2009, p. 46)

Uma análise dessa amostra do pensamento dantesco descrito anteriormente permite a reflexão de que se assemelhe muito às teorias linguísticas correntes que estipulam que a língua está em constante mudança e de que as diferenças de prestígio entre variantes linguísticas são resultado de questões políticas e sociais. Era isso que Dante já teorizava ao observar várias línguas e suas distribuições geográficas, porém defendia a posição que essas diferenças que surgiam no desenvolvimento dos vulgares ao ponto de impossibilitar a comunicação entre seus falantes era um percurso esperado da língua. Era uma tendência, ou uma conclusão inevitável, e o próprio destaque do dialeto florentino frente aos demais mostrava as questões políticas e ideológicas por trás de sua influência, como mostra Gomes, Figueira e Almeida (2015 - p. 2).

Dante Alighieri foi o primeiro a pensar sobre a questão da língua italiana e tornou o *Fiorentino* a base da língua nacional italiana. Dois fatores contribuíram para tal acontecimento: primeiro motivo que Florença detinha o prestígio sócio-político e econômico. Segundo, o dialeto *Fiorentino*, comparado a outros dialetos, era o mais próximo do latim..

Assim, Dante sustentava em *De vulgare eloquentia* que o sistema de regras do Latim deveria servir como exemplo para desenvolver um similar conjunto de regras para o vulgar. A língua latina ainda seria importante para conferir a estabilidade ao vulgar, que porém não seria detentor de um total prestígio. Dante, em sua obra, busca o desenvolvimento do que considera o “vulgar ilustre”, e o contrapõe a duas outras categorias: o inferior e o medíocre. O escritor mais erudito seria, nessa concepção dantesca, aquele que faria uso de certas palavras e evitaria outras.

## 6.2. A questão da língua

A importância do pensamento de Dante tem aqui o papel fundamental devido ao fato de nos séculos seguintes ao autor terem surgido as várias teorias e formulações a respeito do nascente italiano e que foram centrais para a chamada “questão da língua” na Itália. O Humanismo do século XV, porém, na intenção de retomar o uso do Latim mais culto e

prestigiado como modelo, freou o avanço do florentino que estava em expansão graças à influência e à alta qualidade da obra de Dante, Petrarca e Boccaccio.

Isso fez com que a questão da língua passasse a ser menos debatida, reduzindo a sua presença no ambiente intelectual da época. Porém os estudos e considerações iniciados por Dante foram retomados no século XVI. Foi um período de debates na Itália, no qual se tentava postular como o nascente idioma deveria ser e quais aspectos linguísticos lhe seriam atribuídos como corretos. Apesar de o vulgar já ter sido reconhecido como uma língua literária, três correntes de pensamento defendiam, cada uma à sua maneira, que alguns vulgares fossem designados ou à fala ou à escrita. Uns acreditavam na primazia do toscano e outros do florentino.

Uma das correntes, chamada de cortesã (*cortigiana*), teve base nos estudos de Gian Giorgio Trissino e defendia que a língua italiana haveria de ser uma criação das cortes. Como possuíam membros advindos das várias regiões italianas, poderiam criar um idioma de uso comum, ao invés de simplesmente fazer com que uma única variante regional se tornasse uma língua para todo um povo. Assim, o resultado seria uma língua inventada, com foco no toscano falado pelas cortes, mas também admitindo elementos e formas dos outros vulgares das diversas regiões da Itália.

Tal corrente e sua proposta foram vistas como detentoras de um viés anti-florentino, o que contribuiu para a criação da segunda corrente, que contou com Niccolò Machiavelli como um de seus principais expoentes e que defendia incisivamente a superioridade da língua florentina sobre as demais. Em sua obra *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*, o autor julga que o florentino que Dante usou na *Commedia*, e que era aquele falado em sua época, é a raiz do vulgar que eventualmente se tornou o italiano. A língua falada é valorizada nessa corrente, ainda que não plenamente, mas uma variante, no caso o florentino, é defendida como mais destacada e prestigiosa do que as demais.

Na terceira corrente, a arcaizante, cuja proposta de língua italiana foi eventualmente aceita como o novo idioma a ser usado, se destacou Pietro Bembo. O autor delineou um novo italiano ancorado nos escritos dos já consagrados autores florentinos de outrora e, baseando-se neste ideal, Bembo tratou o nascente idioma primeiramente como uma língua escrita e literária, dotada de enorme excelência e prestígio, a ponto de ser o modelo que os italianos deveriam seguir. Era também algo que não poderia se assemelhar à língua falada, sob pena de perder sua grandeza. Assim o autor escreveu em sua obra *Prose nelle quali si ragiona della*

*volgar lingua*, chegando à conclusão de que o mais apropriado para o italiano seria seguir Boccaccio na prosa e Petrarca na poesia.

Assim a nascente língua italiana ganhava uma direção, uma tentativa de solidez para se estabelecer e evoluir em meio a tantos usos falados e escritos e aos múltiplos vulgares competindo por destaque e prestígio. O fim da Idade Média e ascensão da Idade Moderna contou com a criação da Accademia della Crusca. Fundada em 1583, a instituição teve como objetivo preservar o vulgar florentino dos grandes escritores do *Trecento* como expressão maior da língua italiana, demonstrando um caráter normativo no seu empenho de “purificar” a língua, elencando quais eram os bons usos a serem celebrados e os maus usos a serem evitados.

Contudo, os esforços de Pietro Bembo e da Accademia della Crusca não fizeram com que esta língua italiana se tornasse efetivamente o idioma de toda a península. Várias regiões seguiam com seus vulgares e eram de fato poucos cuja língua realmente se assemelhava ao italiano que tinha se tornado o novo modelo. Ou seja, ainda era forte a presença das identidades regionais e os avanços históricos, como a invenção e difusão da prensa móvel de Gutenberg no Renascimento, contribuíram para reforçar esse caráter identitário na Itália, uma vez que cada região podia então publicar e distribuir obras em suas línguas, concorrendo para uma maior disseminação de cada vulgar. O Latim perdia seu status de língua franca, mas um italiano nacional ainda estava longe de surgir.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho se dá através da confirmação do processo de perda da influência e prestígio do latim frente à ascensão e desenvolvimento das línguas vulgares. Exatamente como se deu o embate entre a fala e a escrita na evolução do Latim para o Italiano; considerando também as diversas questões de prestígios de uma variedade ou outra. Da Idade Moderna em diante o Latim sobreviveu em aspectos pontuais como termos científicos, jurídicos e eclesiásticos, mas perdeu a expressão que tinha como língua da alta literatura, da ciência e também, em parte, até no âmbito religioso. Para todos os efeitos, já era uma língua morta, fragmentada em diversas misturas que eventualmente configuraram outros idiomas.

Dos séculos XVI e XVII em diante se registrava, portanto, a história da língua italiana de fato. Como dito reiteradamente, a língua sempre se encontra em processo de transformação, e não foi diferente na Itália. Apesar da conquista de prestígio e possibilidade de ser uma língua literária do que era antes um conjunto de vulgares, o italiano que hoje é considerado o padrão ainda passou por diversas mudanças, sobretudo no período do Risorgimento, no qual a unificação da Itália veio acompanhada do desenvolvimento de uma novo idioma para servir como componente identitário da pátria que estava para surgir, apesar do conceito da língua como símbolo de uma nação já tivesse sido objeto de muita discussão.

Na medida em que a Itália participara da vida dos outros países europeus, na tradição cultural italiana, de Alighieri a Vico e a Muratori, ou seja antes do Risorgimento, já fora bem presente a idéia de que a língua fosse símbolo da nação e que a adesão às suas normas fosse testemunha de nacionalidade. (De Mauro, 1976, p. 4, tradução nossa).

Ainda em De Mauro, suas estimativas apontam que cerca de 2,5% da população italiana, na época do Risorgimento, é que de fato falava o italiano até então considerado o mais culto e ideal a ser usado. Era um fenômeno das elites que contrastava com as grandes camadas do povo, com alta taxa de analfabetismo e que ainda se expressavam somente em seus próprios dialetos. O período da unificação da Itália, então, prosseguiu com a presença de um paradoxo, mostrado nesse cenário onde a língua que se celebrava como símbolo de identidade da nação era algo estrangeiro e desconhecido da maioria da população. (Andrade, 2020, p. 10)

A evidente realidade contraditória foi reconhecida por vários autores da época, dentre eles o romancista Alessandro Manzoni. Seu trabalho com a língua em sua obra *I promessi sposi* se tornou notável por girar em torno de reconhecer formas mais populares do italiano e não meramente reproduzir uma língua de caráter culto, artificial e elitista que não correspondia à real situação comunicativa da maioria da população da Itália. A contribuição do autor para a configuração do novo italiano também foi significativa, uma vez que ecoou as propostas de Maquiavel, ambos propondo o falar florentino como modelo mais prestigioso e digno de ser seguido.

A história da Língua Italiana retrata um processo de evolução ininterrupto do Latim, como aquele que Faraco postulou sobre o ocorrido em relação à língua portuguesa; o modelo evolutivo se confirma com a dialeção que a língua sofreu ao longo da história do Império Romano e depois de sua queda.

Entretanto, esta análise da realidade italiana da época do Risorgimento em diante mostra que se reproduziu o mesmo fenômeno antes registrado no latim. De um idioma que antes era composto de vulgares nasceu uma distinção entre as formas que seriam consideradas superiores e com mais prestígio e aquelas consideradas inferiores e distantes de um ideal. Tais formas elencadas como modelares encontraram maior expressão na escrita e se tornaram as mais adequadas para a literatura, enquanto as demais continuam se expressando mais na fala. Essa língua modelar, contudo, se mostra como um construto artificial que não reflete a dinâmica da realidade viva e em constante transformação das formas faladas.

Assim, pôde-se testemunhar que a “continuação ininterrupta” do processo não se deu somente no que diz respeito às transformações nas línguas propriamente ditas, mas também na própria divisão entre variantes de prestígio. Em todas as etapas desde a origem do italiano, passando pelo Latim e suas origens, é possível perceber que a fala e a escrita não foram tratadas da mesma forma. Houve sempre uma separação tão grande, ao ponto de tratarem a oralidade e a escrita como duas línguas distintas, com um número insuficiente de semelhanças para pertencerem à mesma classificação. O fenômeno se mostrou mais visível no registro literário em ambas as línguas: a forma mais tradicionalmente literária era dominada pelos setores mais abastados das sociedades, evidenciando o aspecto da organização sócio-política classista dos grupos.

Observar a evolução do Latim para o italiano com o foco na análise comparativa da dinâmica entre a fala e a escrita evidencia também o modelo social que há nesta relação. O

que este trabalho tentou mostrar com fatos históricos é que as variantes mais populares e marginalizadas foram as que mais contribuíram para o desenvolvimento das línguas. O Latim vulgar e falado se mostrou mais vivo e mais suscetível a transformações, ao passo que a língua escrita, das elites, mais artificial e estática. Dante já percebera esses fatos ao falar da língua dos romanos, a qual chamava de *Grammatica*, nos debates sobre a questão da língua.

Nas várias épocas históricas da história do Latim, a língua foi portanto guiada mais pela fala do que pela escrita. O Latim Medieval que se pretendia o novo modelo de língua a ser seguido sofria bastante influência do Latim Vulgar da época do Império Romano. Os traços do vulgar lentamente penetravam textos de caráter religioso ou literário. A escrita se adaptava à fala, não o oposto pretendido pelas normas linguísticas então vigentes. O trabalho dos florentinos é emblemático, tanto acelerar mudanças que pareciam inevitáveis, como para elevar o prestígio do vulgar frente ao Latim. Dessa tensão entre registros de maior e menor prestígio nasceu a Língua Italiana. A história de um percurso orientado pela oralidade, pelas formas mais populares e menos prestigiadas.

## 8. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Felipe Veras. *A(s) língua(s) italiana(s): da língua standard às línguas regionais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Letras Português e Italiano). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5818/3/FVAndrade.pdf> Acesso em 16 set. 2023.

BEZERRA, Antônio Ponciano. *Aula 4: Origem e expansão do Império Romano*. In: **História da Língua Portuguesa para EAD (Educação a Distância)**. 1. ed. São Cristóvão: UFS, v. 1, p. 33-44, 2007. Disponível em: [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13384625112014Historia\\_da\\_Lingua\\_Portuguesa\\_-\\_aula\\_4.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13384625112014Historia_da_Lingua_Portuguesa_-_aula_4.pdf) Acesso em 3 nov. 2023.

BOTELHO, J.M.; OSÓRIO, P. *A latinização da península ibérica: a queda do império romano e as suas consequências na geolinguística da península*. In: REVISTA PHILOLOGUS, Rio de Janeiro: CiFEFil, v. 27, n. 80, p. 11-26, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/588/636> Acesso em 2 out. 2023.

CATUNDA, Márcia Antônia Dias. *A importância do Latim para o Português*. In: REVISTA IBERO-AMERICANA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO, [S. l.], v. 7, n. 4, p.450–454, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i4.978. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/978> Acesso em 14 set. 2023.

CITRONI, Mario. *The Concept of the Classical and the Canons of Model Authors in Roman Literature*. In: PORTER, J. I. *Classical Pasts*. Princeton University Press, 2006. Disponível em: [\(9\) The Concept of the Classical and the Canons of Model Authors in Roman Literature | Mario Citroni - Academia.edu](#) Acesso em 27 out. 2023

DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica dell'Italia unita*. 1. ed. Roma-Bari: Laterza, 1976. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/343356/mod\\_resource/content/2/Lingua%20e%20di%20aletti%20Mauro%20Lodi.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/343356/mod_resource/content/2/Lingua%20e%20di%20aletti%20Mauro%20Lodi.pdf) Acesso em 14 out. 2023



FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/359853/mod\\_resource/content/1/FARACO%2C%20Carlos%20Alberto%20-%20Lingu%3%ADstica%20Hist%3%B3rica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/359853/mod_resource/content/1/FARACO%2C%20Carlos%20Alberto%20-%20Lingu%3%ADstica%20Hist%3%B3rica.pdf). Acesso em 15 out. 2023

GOMES, A.C.S.; FIGUEIRA, F.P.R.; ALMEIDA, L.N. *A história da língua italiana e sua escolha dentre tantas possibilidades*. In: REVISTA LINGUASAGEM, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 1-6, 2015. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/33/78> . Acesso em 1 out. 2023

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. v.1. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4533622/mod\\_label/intro/ILARI\\_LinguisticaRomantica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4533622/mod_label/intro/ILARI_LinguisticaRomantica.pdf). Acesso em 4 out. 2023.

JANSON, Tore. *Language change and metalinguistic change: Latin to Romance and other cases*. In: WRIGHT, Roger (Editor). **Latin and the Romance Languages in the Early Middle Ages**. 1. ed. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1996. Volume único, p. 19-28. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4925154/mod\\_resource/content/1/Wright%20-%201991%20%281996%29%20-%20Latin%20%20Rom%20Lang%20EMA%20pt%201%20%202.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4925154/mod_resource/content/1/Wright%20-%201991%20%281996%29%20-%20Latin%20%20Rom%20Lang%20EMA%20pt%201%20%202.pdf) Acesso em 16 out. 2023.

JÚNIOR, Álvaro Alfredo Bragança. *Marcas do Latim Medieval na Peregrinatio Aetheriae – alguns comentários*. In: PRINCIPIA, [S. l.], n. 17, p. 77–86, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/8295>. Acesso em: 15 set. 2023.

LEGROSKI, Marina Chiara. *O Latim Vulgar na Vulgata de Jerônimo*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado Em Letras Português e Latim) - Universidade Federal do Paraná. 39 p. Disponível em: <http://www.classicas.ufpr.br/projetos/monografias/MarinaLegroski-Vulgata.pdf> Acesso em 25 set. 2023

MARASCHIN, Leila Teresinha. *Latim Vulgar*. Material Didático (Curso de Letras Português e Latim). Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2009. Disponível em:

[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16562/Curso\\_Let-Portug-Lit\\_Latim-Vulgar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16562/Curso_Let-Portug-Lit_Latim-Vulgar.pdf?sequence=1&isAllowed=y) . Acesso em 10 nov. 2023.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. *Elementos de filologia latina: uma introdução a partir da análise de duas variedades de latim*. 2023, Curitiba. 1. ed. Editora Bagai. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/372885735\\_ELEMENTOS\\_DE\\_FILOLOGIA\\_LATINA\\_Uma\\_introducao\\_a\\_analise\\_filologica\\_de\\_duas\\_variedades\\_de\\_latim#pfc](https://www.researchgate.net/publication/372885735_ELEMENTOS_DE_FILOLOGIA_LATINA_Uma_introducao_a_analise_filologica_de_duas_variedades_de_latim#pfc) . Acesso em 16 set. 2023.

MARTINS, Maria Cristina da Silva . *Um confronto entre duas variedades do latim falado: o sermo plebeius versus sermo urbanus*. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2005. v. IX. p. 161-179. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/153759573/A-Lingua-Latina-Origem-Variedades> Acesso em 26 set. 2023

MELO, Pedro Antonio Gomes de. *A história externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português*. In: LÍNGUA, LINGÜÍSTICA E LITERATURA, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, 15p.; e020007, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2237-0900.2020v16n1.58052. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/58052>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MOURA, H.M.M; MARQUES, T.F. *A linguagem como produto da história: as teorias de Vico e Rousseau*. In: WORKING PAPERS EM LINGÜÍSTICA, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 1-14, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2011v12n2p1/21341> Acesso em 29 out. 2023.

NORBERG, Dag. *Manual Prático do Latim Medieval*. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filosóficos e Linguísticos, 2007. Volume único. Disponível em: <https://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Manual-Pr%C3%A1tico-de-Latim-Medieval-2007.-Dag-Norberg.pdf> . Acesso em 28 out. 2023.

NOROEFÉ, A.R.B.; ANDRADE, M.T.R. *O Cristianismo como religião do Império Romano e a sociedade contemporânea*. In: Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 36, p. 17-34, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2463/1851>. Acesso em 20 nov. 2023.

PAULO, Alexandre Ribas de. *Origo Gentis Langobardorum: o primeiro texto escrito pelos germânicos da estirpe dos Longobardos*. In: BRATHAIR, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 51-59, 2009. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/496/416> Acesso em 16 out. 2023.

POTRIQUE, Daniela Tavares. *O Appendix Probi e as críticas às variações da língua latina: possível origem da valorização da norma padrão*. In: HUMANIDADES EM REVISTA, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 94, 2021. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/10885>. Acesso em: 21 set. 2023.

RIBEIRO, A.C.N.; CAVALHEIRO, J.S. *O amor, a mulher e o poeta: ressonâncias da lírica provençal nas Penínsulas Itálica e Ibérica, na Baixa Idade Média*. **Revista Italiano UERJ**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 19, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaitalianouerj/article/view/48725>. Acesso em: 23 set. 2023.

ROBINS, Robert Henry. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. 203 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/c815ex> Acesso em 24 set. 2023

RUSCONI, Fabrizio. *Italiano, lingua letteraria? L'influsso delle Prose della volgar lingua sull'italiano contemporaneo*. In: REVISTA DE LETRAS, [S. l.], v. 60, n.1, p. 55-60, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/13794/10771>. Acesso em 25 set. 2023.

SCHULTZ, Benilde Socreppa. *Portuguesismos e o Vocabolario degli accademici della Crusca*. In: REVISTA TRAMA, Marechal Cândido Rondon, v. 6, n. 12, p. 27–38, 2011. DOI: 10.48075/rt.v6i12.5116. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/5116>. Acesso em: 17 nov 2023.

SILVA, Patrícia Cristina da. *A língua italiana: uma trajetória de mudanças e desafios*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Letras Português e Italiano. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/20096/1/PCSilva.pdf> Acesso em 10 nov. 2023.

VIVAI, Cosimo Bartolini Salimbeni. *Uma leitura do De vulgari eloquentia de Dante Alighieri*. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana). Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.  
doi:10.11606/D.8.2009.tde-17112009-153952. Disponível em:

[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-17112009-153952/publico/COSIMO\\_BARTOLINI\\_S\\_V.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-17112009-153952/publico/COSIMO_BARTOLINI_S_V.pdf). Acesso em: 9 out. 2023

XAVIER, Mayara Nogueira. *O Latim da Vulgata e de outras traduções bíblicas em língua latina*. In: REVISTA LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Campinas, v. 5, p. 219-227, 2010. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/1172/949> . Acesso em 15 nov. 2023.